

EDITAL DE INSCRIÇÃO (RESUMO EXPANDIDO) - TRABALHOS
INTERAÇÃO (INTER PROGRAMAS STRICTO SENSU)

**EDUCAÇÃO PARA A CULTURA DE PAZ: UM IMPERATIVO
TRANSFORMATIVO EM TEMPOS DE COMPLEXIDADE GLOBAL**

Alecio Alvico Teixeira Junior (alecio.alvico@triasalus.com)

Naiana Lopes Cabello (naianalopescabello@gmail.com)

Leonardo Borsarini (borsarini98@gmail.com)

Bárbara Libório (barbara.liborio@gmail.com)

Vinício Gomes (professorvinicio@gmail.com)

Rafael Umezu (Umezu.academico@gmail.com)

Kelly Laide (kellylaide@gmail.com)

Maisa Cranque Da Silva (maisacras@hotmail.com)

Leandro Correa Bologna (lebologna@msn.com)

Janete Rocha Passos Lemos (lemosjanete651@gmail.com)

Andre Vieira (dehgv@icloud.com)

Tatiane Oliveira (tatiane.oliveira.psico@gmail.com)

Sueli Akico Takigami (sueliat@yahoo.com.br)

Kleber Natal De Souza (natal.souzak@gmail.com)

Fabiana Teixeira Boiani (ft.boiani@gmail.com)

Ana Maria Dos Reis (anaeducadora2008@hotmail.com)

Daniel Lisboa Soares (ddlsspsi@gmail.com)

Patricia Simoes Sena Soares (patriciasena.psi@gmail.com)

Davi Do Nascimento Gonçalves Marau (davimarau@gmail.com)

Eric Tavares (erictavares7@gmail.com)

O cenário global contemporâneo é intrincadamente tecido por conflitos armados, desigualdades estruturais persistentes e crises socioambientais que nos desafiam a reimaginar as fundações da convivência humana. Neste contexto multifacetado, a construção de uma Cultura de Paz emerge não como uma utopia idealista, mas como um imperativo categórico para a sustentabilidade da vida e a dignidade das relações em sociedade. A transversalidade deste tema é inegável, ramificando-se por diversas áreas do conhecimento, da sociologia à psicologia, da comunicação às ciências ambientais, da teologia à pedagogia, todas convergindo na compreensão de que a paz é um construto dinâmico, que exige ação contínua e intencional. É, portanto, no campo da educação que vemos o epicentro da transformação. Nossa convicção é que somente através de uma educação profundamente engajada com os princípios da paz poderemos semear um futuro mais justo, solidário e humano.

Este trabalho, que se materializa como uma síntese de investigações e reflexões contidas na primeira edição do Ebook InterAção, propõe uma análise abrangente sobre o papel da educação na promoção da Cultura de Paz. Longe de reduzir a paz à mera ausência de violência, aprofundamo-nos na visão de uma paz positiva, concebida como a presença ativa de estruturas justas e equitativas, conforme elucidado por Galtung (1996) e ecoado nas definições da UNESCO (1999). Urge que a educação vá além da transmissão de conteúdos, tornando-se um ato de libertação e humanização, como Paulo Freire (1970) nos legou em sua pedagogia crítica. É imperativo, portanto, repensarmos metodologias tradicionais, priorizando abordagens que incentivem a empatia, a cooperação e o pensamento crítico, em oposição a modelos competitivos e hierárquicos que, historicamente, perpetuam desigualdades.

A contribuição aqui delineada estrutura-se em múltiplas camadas, refletindo a complexidade do desafio e a riqueza das soluções que emergem da prática e da teoria. Em primeiro lugar, abordamos a necessidade premente de cultivar a

paz em seu nível mais íntimo: o individual e o interpessoal. Para tanto, exploramos a potência de intervenções psicoeducativa como o programa MindEduca, que, ao integrar práticas de mindfulness e educação emocional para crianças, visa a autorregulação emocional, a atenção plena e o bem-estar infantil. Compreender as emoções básicas, alegria, tristeza, raiva, medo, nojo, surpresa e desenvolver estratégias de regulação emocional desde a infância, é fundamental para construir a resiliência e a empatia necessárias às relações pacíficas. Complementarmente, a Pedagogia da Cooperação de Fábio Brotto se revela uma alternativa poderosa ao modelo competitivo tradicional. Ao enfatizar pilares como inclusão, cooperação, aceitação e diversão por meio de jogos cooperativos, esta abordagem não apenas reduz a violência escolar, mas também catalisa o desenvolvimento de competências socioemocionais cruciais para a convivência harmoniosa. E, claro, a comunicação, pedra angular das relações humanas, é dissecada através da lente da Comunicação Não Violenta (CNV) de Rosenberg (2006). Acreditamos veementemente que, ao capacitar profissionais da educação a mediar conflitos com linguagem consciente, especialmente em contextos desafiadores como o das interações digitais via WhatsApp, onde a precarização do trabalho docente intensifica tensões, construímos pontes, e não muros, favorecendo vínculos de cooperação e empatia, e protegendo a saúde mental coletiva.

Em segundo lugar, direcionamos o olhar para o ambiente escolar como um microsistema no qual a Cultura de Paz deve ser ativamente construída. Enfrentar o bullying, por exemplo, exige mais do que ações punitivas; demanda uma compreensão de sua complexidade multidimensional e a implementação de intervenções sistêmicas, como a justiça restaurativa, a capacitação docente e a regulação digital. Não podemos nos iludir com soluções superficiais quando disfunções mais amplas estão em jogo. A escola, afirmamos com convicção, deve ser o laboratório onde o diálogo, a mediação de conflitos e a participação comunitária são exercitados diariamente. Estratégias pedagógicas que transformam a sala de aula em um ambiente inclusivo e colaborativo irradiam impacto positivo para toda a comunidade, ecoando as diretrizes da UNESCO e da ONU para a educação para a paz.

Finalmente, este trabalho se aprofunda na interseção da Cultura de Paz com forças sociais e midiáticas mais amplas, que moldam a percepção e a interação em nossa sociedade. As mídias sociais, com sua ambivalência inerente, representam um terreno fértil para a promoção do diálogo e da empatia, mas também um vetor potente para a desinformação, o discurso de ódio e a

polarização. Nossa análise sublinha a urgência de uma mediação pedagógica intencional que fomente o uso crítico, ético e responsável dessas plataformas, transformando-as em aliadas para a convivência respeitosa e a escuta ativa. Em um cenário onde a cobertura midiática muitas vezes intensifica o confronto, o Jornalismo para a Paz, conforme postulado por Johan Galtung, oferece uma perspectiva alternativa, instigando uma reinterpretação dos valores-notícia para transcender narrativas de violência simbólica e cultural. Além disso, e aqui nos permitindo uma reflexão mais pungente, é crucial confrontar as retóricas contemporâneas que, embora pautadas em legítimas demandas identitárias, podem, em sua radicalização e reducionismo, gerar uma "retórica de luta" que obstrui o caminho para a cultura de paz. Distinguir a identidade como categoria analítica do "identitarismo" como concentração ideológica que acentua diferenças em vez de buscar a confluência é vital para a construção de uma sociedade genuinamente plural e democrática. Por fim, não poderíamos ignorar a profunda contribuição de espaços como a igreja cristã, que, com base em sua cosmovisão e em autores como Paulo Freire, Johan Galtung, Enrique Leff e Leonardo Boff, promovem a paz como fruto da justiça, da reconciliação e do cuidado com a vida em todas as suas dimensões, evidenciando o papel transformador da espiritualidade ecológica e do engajamento social na construção da paz.

Desafios significativos, como a insuficiência de formação docente e a carência de recursos, persistem. No entanto, o arcabouço aqui apresentado, ancorado em políticas públicas como o PNDH-3 e a BNCC no Brasil, demonstra que a Cultura de Paz não é um ideal distante, mas uma prática educativa concreta e multifacetada. Acreditamos firmemente que, ao investirmos de forma consistente e integrada nessas abordagens, os sistemas educacionais estarão verdadeiramente alinhados aos objetivos de um mundo mais justo e pacífico, formando gerações preparadas para enfrentar os desafios globais com resiliência, solidariedade e uma inabalável vocação para a paz. Que este congresso seja um catalisador para esta jornada.

Palavras-chave: cultura de paz; educação transformadora; competências socioemocionais; diálogo; resolução de conflitos.